

CAPACITAÇÃO DE AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DE CÍRCULOS DE CULTURA

Waldemar Brandão Neto¹

Estela Maria Leite Meirelles Monteiro²

Jonas Welton Barros de Oliveira³

Márcia Cristina Martins dos Santos⁴

Jael Maria de Aquino⁵

Introdução: A Estratégia Saúde da Família (ESF) propõe um novo modo de cuidar da saúde, tendo a família como objeto de atenção, considerando-a em seu contexto social, econômico e cultural⁽¹⁾. O agente comunitário de saúde (ACS) é considerado o elo entre a equipe de saúde e comunidade, o qual apresenta dois atributos sociais básicos: identidade com a comunidade e capacidade para a ajuda solidária que aliados à sua capacidade de liderança o tornam um mediador entre duas esferas: o Estado e a comunidade⁽²⁾. Na atualidade muitos ACS, têm formação de Auxiliares e até de Técnicos de Enfermagem demonstrando o interesse em adequar sua formação as expectativas e demandas da comunidade. As atividades de educação em saúde constituem uma atuação inerente a toda equipe de saúde. Ao longo das propostas de atenção básica articuladas ao SUS, o enfermeiro, dentre os profissionais de saúde, foi pioneiro ao abraçar o princípio da acessibilidade dos usuários na atenção a saúde, pela implantação inicialmente dos Programas de Agentes Comunitários (PAC), atuando como supervisor da equipe e desempenhando um papel prioritariamente educativo junto aos ACS. Em estudo que teve como objetivo identificar as contribuições de um curso de formação de ACS oferecido pela Secretaria Municipal de Saúde de Campinas, São Paulo, constatou que a experiência possibilitou que o ACS assumisse o papel de sujeito educativo produzindo um conhecimento emancipatório, estimulando a reflexão e a capacidade de análise crítica, incluindo a prática diária como um dos determinantes de seu aprendizado, na busca de solucionar problemas na comunidade⁽³⁾. No que tange as ações de prevenção e promoção da saúde, sobretudo, as ações educativas junto à comunidade sabe-se que são potentes instrumentos de trabalho intramuro e extramuro, mas se vem percebendo que requer maior aprofundamento e utilização de novas tecnologias, pois os conteúdos baseiam-se no enfoque higienista que preconizam intervenções normalizadoras⁽⁴⁾. A partir desse entendimento, se faz necessário trabalhar ações de educação em saúde, a partir de propostas metodológicas libertadoras e participativas que venham romper com atitudes autoritárias e tradicionais. Para tanto, o desenvolvimento de uma prática educativa em saúde fundamentada em uma abordagem metodológica do Círculo de Cultura, potencializará a sensibilização, a conscientização, a autonomia, a participação e a mobilização como forma de emancipação dos indivíduos⁽⁶⁾. Círculo de Cultura constitui uma metodologia freireana que substitui a idéia de ‘turma de alunos’ ou de ‘sala de aula’⁽⁵⁾. A escolha por desenvolver um Círculo de Cultura, visa ensejar uma vivência participativa com ênfase no diálogo, na valorização dos saberes populares e na consciência crítica da realidade. Para Monteiro⁽⁶⁾ (p. 178), “A proposta da realização de Círculos de Cultura requer que o(a) profissional de saúde atue não como professor(a), mas como animador(a), que acredita nas potencialidades do grupo, que não se limita a ensinar, mas também tem interesse de aprender com o grupo.” **Objetivo:** O estudo teve como objetivo realizar uma capacitação com ACS, mediante a vivência em Círculos de Culturas, numa perspectiva de sua utilização como espaços dialógicos de trabalho com a participação popular. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência, desenvolvido com ACS da

¹ Acadêmico de Enfermagem 8º período da FENSG/UPE. E-mail: brandaonetow@gmail.com

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da FENSG e do Programa Associado de Pós-Graduação em Enfermagem UPE/UEPB.

³ Enfermeiro. Aluno Especial do Programa Associado de Pós-graduação em Enfermagem UPE/UEPB

⁴ Enfermeira. Mestranda do Programa Associado de Pós-graduação em Enfermagem UPE/UEPB

⁵ Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela EERP/USP. Docente da FENSG e do Programa Associado de Pós-Graduação em Enfermagem UPE/UEPB.

Todos são membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Epistemologia e Fundamentos do Cuidar

Unidade Básica de Saúde do Córrego do Jenipapo. O referido bairro, localizado na zona norte da cidade do Recife, integra o Distrito sanitário 3. Atualmente a Unidade conta com 2 equipes de saúde da família, perfazendo um total de 12 ACS e atendendo uma demanda atual de aproximadamente 2.300 famílias. Vale ressaltar que foi solicitado autorização das Enfermeiras das Equipes de Saúde da Família, assim como foram respeitados os preceitos éticos em consonância com a Resolução 196/96⁽⁷⁾. **Relato da atividade:** A capacitação foi realizada no 1º piso do Bar do Zaia, espaço comunitário cedido para reuniões e atividades educativas realizadas pelos membros das equipes. Participaram da atividade cinco ACS, de ambos os sexos, todos com experiências anteriores em trabalhos educativos envolvendo grupos comunitários, com os quais possuem afinidades, como por exemplo, os de adolescentes, gestantes e mulheres. Um dos ACS relatou a importância de criar um grupo destinado a familiares que possuem um paciente mental, visto que o mesmo observou ser um problema considerado prioritário na comunidade. Iniciamos relatando o objetivo da capacitação, assim como a importância das atividades educativas em saúde no contexto comunitário; tendo como uma das estratégias a realização de Círculos de Cultura, método já vivenciado pelos autores do estudo em atividades extensionistas anteriores. Para que os participantes pudessem conhecer e posteriormente aplicar esse método com seus grupos, foi necessário possibilitar aos mesmos vivenciarem os Círculos de Cultura como uma forma de sensibilização e aprendizado. Foi destacado a importância de um momento de sensibilização, mediante realização de dinâmicas a serem selecionadas em consonância com a temática a ser abordada, de músicas de relaxamento de forma a gerar reflexão sobre a vivência lúdica, ou ainda com a intencionalidade de integrar, de provocar uma aproximação entre os componentes do grupo. Para tanto, não nos resumimos apenas a atividades de cunho teórico, mas sim, a uma aplicação real do Círculo com a participação dos ACS e os animadores. A atividade teve duração de uma hora e meia. Seguimos primeiramente realizando a Investigação Temática, para vivência desta etapa os ACS foram estimulados a elencar um grupo da comunidade com o qual desejariam trabalhar atividades educativas mediante Círculos de Cultura. Os ACS escolheram grupos de adolescentes, mesmo sabendo que é possível aplicar Círculos de Cultura com qualquer grupo comunitário. Nessa etapa foram elencados pelos ACS temas considerados prioritários do grupo de adolescentes: gravidez precoce, sexo seguro, métodos contraceptivos, DST's; bem como questões sócio-culturais, o universo vocabular, suas habilidades e potencialidades, as quais foram identificadas: pintura, desenhos em papel machê, dramatização. Entendemos que essa etapa é muito importante pelo fato de nós animadores/pesquisadores nos inserirmos na comunidade e no contexto vivido da população. Após essa fase partimos para a etapa de Tematização, quando foi discutido no Círculo a importância dos próprios participantes expressarem e planejarem quais os temas prioritários de interesse do grupo, os quais subsidiaram os conteúdos a serem trabalhados sempre de modo contextualizado. Diante das reflexões sobre esta etapa, vale destacar uma das falas de um ACS: *(...) em um dos nossos trabalhos no grupo de mulheres, começamos fazendo errado, pois a medida que íamos realizar os encontros já levávamos os temas prontos, não tínhamos essa noção de fazer uma investigação da realidade delas e de trabalhar a construção dos temas com elas. Por isso acho que não deu certo, o primeiro encontro deu muito gente, os próximos a evasão foi enorme(...)* Seguimos realizando a Problematização, cujo objetivo é conduzir o grupo a reflexão e gerar um novo conhecimento, valorizando o saber popular, tornando os sujeitos protagonistas de sua própria história, de modo crítico e reflexivo para atuarem na transformação de sua realidade. Para tanto, foram lançadas algumas perguntas norteadoras: *Como praticar o sexo seguro? Qual a importância do uso da camisinha? O quê protege? Quais as conseqüências de uma gravidez precoce não planejada?* Através dessas questões o grupo é estimulado a expor suas idéias e opiniões, de acordo com sua realidade, expressas através das habilidades e potencialidades a serem exploradas. Para tanto, o grupo ficou bem à vontade para trabalhar, realizando desenhos, colagem, confecção de cartazes, de modo a expressar-se criativo e criticamente em relação aos questionamentos. É uma etapa muito rica, pelo fato de trocarmos experiências com o grupo. Em seguida, o grupo foi estimulado a apresentarem os cartazes confeccionados e desenhos; após esse momento fizemos uma leitura de um texto científico intitulado: Vivendo a

Adolescência, que retratava toda a temática trabalhada. Orientamos aos ACS que nesse momento poderia trabalhar também com filmes, profissional especializado na área, de modo a estabelecer uma junção de saberes. Em uma das falas de um ACS, o mesmo relatou em outras experiências de grupo, a seguinte constatação: *Quando o educador não valoriza o saber dos educandos; e limita-se a transferir ou impor conhecimentos, começa a gerar uma disputa pelo poder, pois conhecimento é poder e na ação educativa proposta pelo Círculo o poder é partilhado. E tem mais o educador popular não é aquele que possui um título acadêmico no papel para fazer valer isso, basta fazer parte da história e sensibilizar-se com os problemas do outro, reconhecendo-os como também de sua responsabilidade.* E por último vem a etapa de síntese, na qual realizamos uma revisão de tudo que foi trabalhado, onde retomamos aos cartazes e desenhos. Nesse momento também fizemos uma auto-avaliação do Círculo, de modo que foi colocado pelos ACS como: *Construção de um espaço de integração, inclusão, valorização do saber e das questões culturais, clareza na comunicação e Troca de conhecimentos.* **Conclusão:** Trabalhar ações de educação em saúde a partir de estratégias metodológicas inovadoras como a abordagem nos Círculos de Cultura, propicia conhecer a própria realidade, além de garantir um ambiente de diálogo entre os atores envolvidos com troca de experiências, sensibilização, conscientização, participação, mobilização, autonomia. Os ACS expuseram a necessidade de uma educação permanente para um melhor aproveitamento das atividades educativas por eles realizadas, pois os mesmos reconhecem a sua importância dentro da equipe, que funciona mais do que um elo, o ACS dá voz para a comunidade ou é a voz da comunidade dentro dos serviços de saúde. Esta experiência permitiu que os autores firmassem um compromisso com as ações de educação em saúde, de forma a preparar o ACS, educador em saúde, para atuar na realidade e na busca de soluções para os problemas comunitários, mediante o exercício de uma prática educativa crítica e reflexiva.

Descritores: Educação em Saúde; Enfermagem; Atenção Básica

Área Temática: Humanização do cuidado de Enfermagem e o fortalecimento da Atenção Básica em Saúde

Referências

- 1- Ministério da Saúde (BR). Saúde da Família: uma estratégia para a orientação do modelo assistencial. Secretaria de Assistência à Saúde/Coordenação de Saúde da Comunidade. Brasil (DF): Ministério da Saúde; 1997.
- 2- Nogueira PN, Ramos SBF, Vale VO. A vinculação institucional de um trabalhador "sui generis": o Agente Comunitário de Saúde. Cadernos IPEA; 2002.
- 3- Nascimento EPL, Correa, CRS. O agente comunitário de saúde: formação, inserção e práticas. Cad. Saúde Pública 2008; 24(6):1304-13.
- 4- Mishima SM, Pereira MJB, Fortuna CM e Matumoto S. Trabalhadores de saúde: problema ou possibilidade de reformulação do trabalho em saúde? In: Falcão A, organizadores. Observatório de Recursos Humanos em Saúde. Rio de Janeiro (RJ): Fiocruz; 2003. p.137-56.
- 5- Brandão CR. O que é método Paulo Freire. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense; 2005
- 6- Monteiro EMLM, Vieira NFC. (Re) construção de ações de educação em saúde a partir de círculos de cultura: experiência participativa com enfermeiras do PSF do Recife- PE. Recife: EDUPE; 2008.
- 7- Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196/96. Sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília; 1996.